

O que são e como produzir psicodramas insurgentes?

Devanir Merengué¹

RESUMO

A palavra insurgente é um sinônimo para rebelde, que se insurge contra algo, indica um movimento de levantar-se na tentativa de derrubar um opressor. Falar, pois, de psicodrama insurgente não seria algo repetitivo e redundante? O Psicodrama não seria, supostamente e desde sempre, insurgente?

O propósito dessa Mesa Redonda busca em primeiro lugar conceituar a ideia do que poderia ser um Psicodrama Insurgente. Ou muitos Psicodramas Insurgentes. A intenção, portanto, é por uma epistemologia: o que é (são) ou o que seria (m)?

Como sabemos para se conhecer ou construir o conhecimento precisamos retomar alguma História. No caso de um projeto como o Psicodrama, tem um histórico que se inicia na Europa no começo do século 20 e se expande pelos continentes, tendo algumas entradas no Brasil com mais ou menos força dependendo do momento e dos atores sociais envolvidos. Inevitavelmente, adquiriu coloração e feições locais, demonstrando ser mais ou menos colonizado e colonizador nessas entradas.

O antônimo de insurgir é aceitar, consentir, dar como certo, bom, adequado. Como foi e como tem sido essa relação do Psicodrama com os psicodramatistas, o país, a ciência?

Essas questões estão colocadas no livro *Psicodramas Insurgentes* (Editora Ágora, 2026) de modo mais ou menos direto. A ela acrescentamos uma outra pergunta: como produzir Psicodramas que sejam verdadeiramente insurgentes?

As ferramentas que o Psicodrama oferece, como sabemos, são muitas. O uso que vamos fazer delas vai depender de muitas variáveis que sustentam o profissional, a instituição, as premissas filosóficas nos seus propósitos. Um acontecimento atravessado por muitas variáveis e inúmeras subjetivações. A abertura se dá justamente a partir de necessidades implícitas ou explícitas que pode ser capturada pelo apaziguamento ou pela possibilidade de desvelar sofrimentos, incômodos, conflitos subjacentes e escondidos nos vincos onde não chega a luz.

O livro *Psicodramas insurgentes* oferece modelos e ideias em contextos diversos e não óbvios, como já fazia Moreno. Igualmente não existe a necessidade de buscar contextos diferentes, mas sim fazer aproximações distintas para a atuação clínica, por exemplo.

Em última análise, se entendemos a realidade como resultado da construção de um modo específico de compreender a vida, a sociedade e a política e que essa realidade pode ser alterada as insurgências foram, são e serão sempre bem-vindas.

Palavras-chave: Psicodramas. Insurgências. Epistemologia. Transformação. Multiplicidade.

¹ Psicólogo e psicodramatista. Professor supervisor e terapeuta de aluno. Autor, co-autor e organizador de livros em Psicodrama. Os mais recentes são *Psicodrama e Política*, *O sonho como resistência*, *Psicodramas Insurgentes*, todos pela Editora Ágora.



Aprender brincando: psicodrama e cultura popular em encontro

Mariana Tornelli ²

RESUMO

Este trabalho foi tecido a partir do encontro com o grupo de cultura popular Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro, Brasília (DF), e integra uma dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília. O grupo criou uma moderna tradição popular para a capital, articulando música, dança e o chamado Teatro de Terreiro em uma brincadeira oferecida à cidade, desenvolvida de forma singular. A pesquisa se orientou pelo paradigma interpretativo, com abordagem qualitativa crítica e participativa, e delineamento de estudo de caso. Buscou compreender como o brincar na cultura popular produz modos de viver que tensionam a lógica neoliberal e as ideologias coloniais. A produção de informações envolveu a produção de um diário de campo, pesquisa documental em materiais do próprio grupo e entrevistas com sete integrantes. As entrevistas foram analisadas por meio da análise temática reflexiva, em que foram criados temas (agrupamentos de significados). Neste trabalho será apresentado um deles, que expressa como a experiência do brincar no terreiro amplia percepções de estar no mundo, favorecendo processos de cuidado e bem-viver para além dos consultórios clínicos. A vivência coletiva, a relação com as figuras e o criar junto produzem pertencimento, imaginação e saúde relacional, em contraposição ao individualismo contemporâneo. Dialogando com a socionomia, o estudo destaca que o sujeito se constitui em relação, por meio do jogo de papéis (jogando, brincando e testando) e dos encontros. Por mais que se diferenciem, o palco psicodramático e o contexto da cultura popular parecem oferecer espaços de aprendizados relacionais.

Palavras-chave: Cultura Popular. Psicodrama. Decolonialidade. Saúde das Comunidades

INTRODUÇÃO

Este trabalho foi tecido a partir do encontro com o grupo de cultura popular Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro (SE), sediado na Vila Cobra Coral, em Brasília, Distrito Federal. Compõe a dissertação do mestrado em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília. O grupo SE inventou uma *moderna tradição* popular para Brasília. Sua expressão cultural é composta pela música (samba pisado), pela dança e pelo teatro (Teatro de Terreiro) que integram a brincadeira de forma complementar. O coletivo compreende seu fazer como uma brincadeira oferecida à cidade, que se enraíza em outras culturas populares, mas floresce de forma singular.

² Psicóloga, psicodramatista didata, mestranda em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília, marianatornelli@gmail.com.

A *Mitologia do Calango Voador*, conjunto de narrativas escrita pelo mestre Tico Magalhães (MAGALHÃES, 2023) fundamenta o fazer do coletivo, de forma que a musicalidade e o teatro se relacionam a essas histórias. Na sede do SE, denominada Centro Tradicional de Invenção Cultural, fica o terreiro/palco em que se dão as Rodas, apresentações teatrais. Os seres que povoam as histórias e dão vida ao teatro são denominados figuras.

A pesquisa se ancorou no paradigma interpretativo, em uma perspectiva qualitativa crítica e participativa. O delineamento foi o estudo de caso. O objetivo inicial foi compreender como o brincar e o criar na cultura popular produzem modos de viver desviantes do modelo neoliberal e questionadores das ideologias coloniais. A produção das informações ocorreu por meio de três estratégias metodológicas: a elaboração de um diário de campo, construído ao longo do período de observação participante nas atividades do SE; a realização de pesquisa documental em materiais audiovisuais e textuais produzidos pela instituição; e a condução de entrevistas com sete integrantes³ do coletivo. As entrevistas foram analisadas por meio da análise temática reflexiva (ATR), resultando na construção de temas. As informações do diário de campo e da pesquisa documental enriqueceram as discussões aportando elementos analíticos.

Na ATR, a partir da codificação das informações, são confeccionados temas, que representam agrupamentos coerentes de significados compartilhados (BRAUN; CLARKE, 2016). Neste trabalho será apresentado um dos temas que expressa experiências vividas em coletivo que viabilizam processos de cuidado e de bem-viver para além dos consultórios clínicos, no contexto da cultura popular de SE, em uma leitura articulada com conceitos da socrionomia.

2 DESENVOLVIMENTO

Ser em relação: saúde ampliada

Este trabalho expressa múltiplas nuances do que é apre(e)ndido – aprendizados e deslocamentos perceptivos - a partir do brincar no terreiro do grupo de cultura popular Seu Estrelo (SE). Segundo Moreira e Silva (2016) a expressão *brincantes* é uma auto-denominação de algumas culturas populares que pode significar se dedicar ao fazer como participante

³ Os participantes tinham entre 25 e 50 anos. A autodeclaração de gênero e raça foi realizada em resposta aberta: seis se identificaram como mulheres e um como homem; quatro se declararam pardas, duas brancas e uma utilizou o termo “mestiça”. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade.

(tocando, dançando, *botando* figuras no teatro), ou como público que é convidado para entrar na brincadeira de roda, em uma diluição das fronteiras entre vida e arte. Nesse sentido, Moreira (2015) reflete que as expressões da brincadeira de SE oferecem uma forma de ver o mundo, permeando a vida cotidiana, em que os brincantes se reinventam ao mesmo passo que se relacionam com as figuras, em um processo de mútua influência.

Os entrevistados deste estudo relataram alargamentos perceptivos sobre a experiência de estar no mundo, o que os conecta as dimensões mais amplas da existência a partir das diferentes expressões da brincadeira no contexto do coletivo SE. Não é necessariamente fácil estar em comunidade, segundo eles, mas compor um coletivo em que o individualismo precisa ceder para que uma história maior seja transmitida por meio do Teatro de Terreiro, dispara processos de saúde e bem-viver, vividos no terreiro e nas relações, não apenas em consultórios. O sentir é integrado e torna possível navegar pelas vulnerabilidades. O resgate da imaginação e de uma infância ancestral desencaixota corpos desvitalizados. Criar junto cultiva uma alegria intersubjetiva e política produzindo sentidos e pertencimento.

No âmbito da grupalidade, há o projeto dramático de seguir contando a própria história por meio da *Mitologia do Calango Voador* (MAGALHAES, 23). O mestre Tico Magalhães costuma dizer que “brincar é vincular-se”, uma experiência essencialmente coletiva e contra a corrente em tempos de hipérbole do individualismo, isolamento e fragmentação.

Moreno (1975) defende que o *eu* vai se constituindo nos aprendizados vivenciados em relação, a partir dos papéis. Em um processo dinâmico, as relações “produzem novas singularidades”, em mútua afetação (DEDOMÊNICO; 2013, p.85). Essa perspectiva compreende o ser humano como aberto a se transformar a partir dos encontros e dos desencontros. Aprende-se testando, jogando, brincando. Nesse sentido, o jogo de papéis constitui uma técnica da que favorece o processo de criar ou transformar um papel, a partir da experimentação. Por meio do corpo em ação, emoção e reflexividade são integrados (SÓRIA; MACUCH, 2024).

Ainda que sejam contextos diferentes: o palco psicodramático e o terreiro de SE, ambos apresentam pontos de encontro relacionados a forma de compreensão do ser humano e das relações. A possibilidade aprender em ação, brincando, criando, inclusive, brechas na lógica colonial a partir do corpo, foi mencionada pelos entrevistados como experiências vividas no SE.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões deste estudo contribuem com o campo da psicologia ao estender a concepção de cuidado para além do paradigma biomédico. Por meio da cultura popular, práticas coletivas, culturais e corporais produzem saúde e bem-viver. Problematicar os limites da clínica tradicional e aproximá-la de perspectivas comunitárias e decoloniais, intensifica a implicação nos contextos sociais e históricos, de forma sensível aos atravessamentos culturais. Enquanto a ideia de bem-estar costuma ser associada ao indivíduo, a noção de bem-viver, enraizada nas sabedorias indígenas e andinas, propõe saídas éticas para os colapsos civilizatórios da humanidade (ACOSTA, 2021).

Referências

ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Elefante; Autonomia Literária, 2021. (Obra original publicada em 2016).

BRAUN, V.; CLARKE, V. (Mis)conceptualising themes, thematic analysis, and other problems with Fugard and Potts' (2015) sample-size tool for thematic analysis. **Qualitative Research in Psychology**, v. 13, n. 1, p. 1–17, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14780887.2015.1097366>. [Acesso em: 5 fev. 2026].

DEDOMÊNICO, A. M. A funcionalidade do conceito de papel. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 81–92, 2013. [Acesso em: 5 fev. 2026].

MAGALHÃES, T. **O Teatro de Terreiro de Seu Estrelo**. Brasília: Teixeira Gráfica e Editora, 2023.

MOREIRA, A. U. *“Brincante é um estado de graça”: sentidos do brincar na cultura popular*. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19128>. [Acesso em: 5 fev. 2026].

MOREIRA, A. U.; SILVA, D. N. H. Políticas de resistência pelo encantar: o brincar na cultura popular. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 687-698, out./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i4.29012>. [Acesso em: 5 fev. 2026].

MORENO, J. L. **Psicodrama**. 4. ed. Tradução de A. Cabral. São Paulo: Cultrix, 1975. (Trabalho original publicado em 1946).

Sória, R. G. de L., & Macuch, R. da S. (2024). Aplicações da técnica do role-play proposta pelo método psicodramático. **Revista Brasileira de Psicodrama**, 32, e1024. <https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.646>. [Acesso em: 5 fev. 2026].



Descapitalizar os afetos: (im)possibilidades de insurgir psicodramaticamente

Laura de Souza Zingra Vomero⁴

RESUMO

Este trabalho traça proximidades entre socionomia, Espinosa e Deleuze para sustentar que o psicodrama se constitui como prática insurgente ao privilegiar o corpo em ação e tensionar dicotomias da ciência moderna. Aproxima a noção de bons encontros do encontro moreniano, compreendido como aumento da potência de agir. Em diálogo com Deleuze, argumenta-se que o poder captura afetos para manter corpos tristes, enquanto a alegria opera como força política. Descapitalizar os afetos torna-se compromisso ético-político que atravessa o modo como ensinamos, supervisionamos e ocupamos o território psicodramático. Produzir psicodramas insurgentes exige formações igualmente insurgentes. Isso implica revisão curricular, incorporação de epistemologias localizadas e tensionamento da branquitude e da cisgeneridade epistêmica. Defende-se ainda a ampliação de ações afirmativas e políticas de permanência, considerando interseccionalmente as desigualdades estruturais de mobilidade social no Brasil. A inclusão transforma o campo afetivo da formação, ampliando a potência coletiva e criando condições para um psicodrama plural e insurgente.

Palavras-chave: Capitalismo. Encontro. Afeto. Pedagogia. Ações afirmativas.

1 DESCAPITALIZAR OS AFETOS

Em um contexto de captura e capitalização dos afetos, pode o psicodrama constituir-se como dispositivo insurgente de produção de bons encontros? Não se trata de uma problemática simples, e talvez as respostas que emerjam façam cintilar outros tantos questionamentos. Ainda assim, compreendo o psicodrama enquanto via insurgente na medida em que privilegia o corpo em ação e tensiona as dicotomias fundantes da ciência moderna: normal/patológico, razão/emoção, bom/ruim. Ao criar o método de ação, Moreno (2006) aposta na dramatização como dispositivo de produção de conhecimento, libertação e transmutação. Há posicionamento

⁴ Psicodramatista didata supervisora, Viver Mais Psicologia
Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós-Graduação em Psicologia
laurazvomero@gmail.com.

epistemológico na nossa práxis que reconhece a cena como espaço de experimentação para o favorecimento da liberação de fluxos espontâneos e criativos e da ampliação da viabilidade de resposta ao novo, expandindo, assim, as possibilidades de agir, sentir e criar no mundo.

Alguns dos pressupostos epistemológicos do psicodrama se fundamentam em Espinosa e na tradição cabalística, afastando-se de uma concepção transcendental da experiência e afirmando a vida na imanência dos encontros (Fonseca, 2014). Nesse sentido, o encontro moreniano aproxima-se da noção espinosana de bons encontros, posto que, para Espinosa, eles estão relacionados a potência de agir e a produção de afetos que expandem a alegria. De acordo com Deleuze (2002), os afetos em Espinosa, são as afecções que modificam o corpo e intensificam nossa potência de ação no mundo, podendo ampliá-la ou reduzi-la conforme as forças que se compõem na relação, ou seja, por meio de bons ou maus encontros. O psicodrama pode criar condições para que essas afecções sejam vivenciadas, favorecendo variações na potência de agir que surgem no contexto dramático.

Entretanto, como lembra Deleuze (1974), o poder necessita de corpos tristes para exercer sua dominação. Para isso, lança mão de estratégias minuciosamente racionalizadas que operam pela captura e capitalização dos afetos, convertendo-os em mecanismos de controle e, conseqüentemente, promovendo a individualização do sofrimento. A ansiedade, por exemplo, frequentemente é apropriada pela racionalidade neoliberal, convertendo-se em culpa pela “baixa” produtividade, mal-estar diante do descanso ou sensação permanente de dívida com o tempo. O que poderia sinalizar limites e necessidades passa a funcionar como engrenagem de autovigilância, mantendo os corpos em permanente estado de alerta e adequação às exigências do desempenho.

Em contrapartida, a alegria aparece como força política. Segundo Deleuze (1974) ela amplia a capacidade de ação e criação, conduzindo a lugares onde a tristeza jamais nos levaria. Isso não significa negar o sofrimento. O desbloqueio de uma conserva é processo e pode vir acompanhado de raiva ou tristeza. Ainda assim, tais intensidades podem indicar regeneração

da potência, sinalizando que algo antes cristalizado começa a se transformar. Ao colocar o sintoma em cena, abrem-se brechas para que a espontaneidade-criatividade, sufocada por conservas coloniais e corporais (Vomero, 2024; 2025), se transmute em mais vida, mesmo que, às vezes, o desconforto para isso seja inevitável.

2 PRODUZIR BONS ENCONTROS PSICODRAMÁTICOS

Produzir um psicodrama insurgente exige, portanto, a nomeação e a descapitalização dos próprios afetos. Se não reconhecemos como nossos sentimentos são capturados pela lógica neoliberal - do desempenho, da culpa, da produtividade e até do “conforto” do sintoma - corremos o risco de reproduzir, em nossas práticas, as mesmas conservas que pretendemos tensionar. Descapitalizar os afetos é um compromisso ético-político que atravessa o modo como ensinamos, supervisionamos e ocupamos o território do psicodrama.

Neste ponto, a discussão desloca-se, então, para o campo das formações. Talvez seja necessário formações insurgentes para produzir psicodramas insurgentes. Tal perspectiva dialoga com Romaña (1992), que defendia uma pedagogia psicodramática horizontal e popular e a sustentação de um projeto formativo que questione o *status quo*. Em consonância, Dias & Urt (2020), discutem a noção de ecologia socionômica, na qual pedagogia e socionomia podem constituir campos de enfrentamento às forças hegemônicas para ampliar o campo afetivo e promover ações inclusivas tanto na sociedade como nas instituições vinculadas à Federação Brasileira de Psicodrama.

São críticas que convergem com as reflexões que tenho trabalhado, como a Escola da Anarquia (Vomero & Nery, 2024) e a pedagogia etnodramática, pensando em formações que se assume como território de invenção e promoção da diversidade. Nesse sentido, insurgir pedagogicamente é criar condições para que o próprio território psicodramático se transforme em espaço de pluralidade, crítica e produção de vida.

Em uma aula com Maria Célia Malaquias, ela afirmou que todo psicodrama que se debruça sobre a questão racial pode ser chamado de etnodrama. Qual psicodrama não se debruça sobre as relações raciais? A vida social é marcada por tensionamentos raciais. Moreno (2006) definiu o etnodrama como a síntese entre o psicodrama e os estudos dos conflitos étnicos - entre negros e brancos, árabes e judeus, hindus e muçulmanos. Desse modo, passo a compreender a própria gênese do etnodrama de modo interseccional, afinal, esses embates envolveram também religião, território, classe, gênero, sexualidade e deficiência. O etnodrama e/ou o psicodrama, já nascem implicados com os múltiplos marcadores sociais da diferença.

Produzir um psicodrama insurgente implica revisão curricular radical: discutir o antissemitismo e os efeitos do nazismo na matriz ancestral de Moreno (Vomero, 2025); revisitar conceitos de Guerreiro Ramos; estudar epistemologias latino-americanas; analisar as implicações do neoliberalismo na produção da subjetividade; dialogar com saberes transfeministas; tensionar a branquitude e a cisgeneridade epistêmica. Bem como democratizar o acesso às escolas para diversificar os corpos que produzem teoria e prática.

Para pensarmos em políticas afirmativas precisamos refletir sobre mobilidade social no Brasil e reconhecer que ela não se dá de forma igualitária para todos os grupos. Mesmo quando há ascensão econômica, as trajetórias de mobilidade são marcadas por desigualdades profundas associadas à raça e ao racismo estrutural (Ribeiro, 2017). Quando as políticas se orientam exclusivamente por critérios socioeconômicos, corre-se o risco de invisibilizar formas específicas de opressão que operam mesmo entre pessoas situadas na mesma classe social.

No caso das pessoas trans, estudos indicam que cerca de 90% dessas pessoas recorrem à prostituição como principal meio de sustento, em razão das barreiras estruturais que dificultam o acesso ao mercado de trabalho formal, a transfobia também é obstáculo à permanência na escola, reproduzindo exclusões que antecedem qualquer possibilidade de ascensão econômica (FONATRANS, 2023). Se as ações afirmativas consideram apenas renda,

acabam por desconsiderar essas dinâmicas estruturais que impedem que determinados corpos acessem as mesmas oportunidades.

Além do acesso, são necessárias políticas de permanência que garantam a conclusão da formação: espaços institucionais de escuta sobre racismo, transfobia e capacitismo; formação continuada do corpo docente; presença de professoras e professores diversos; acessibilidade ampla. A exclusão reiterada produz corpos tristes. A não-exclusão pode transformar o campo afetivo e epistêmico da formação. Cria-se condições para que a espontaneidade-criatividade deixe de ser privilégio e se torne caminho possível para a produção de psicodramas plurais e insurgentes.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DIAS, A. R.; URT, S. C. Socionomia e ecologia: considerações para o campo educacional. In: ROMANO, C. T.; CHLEBA, E. L. B. (org.). *O encontro com a sustentabilidade: considerações do psicodrama*. [S. l.]: ABPS, 2020. p. 22-28.

FONATRANS. 90% da população trans no Brasil tem prostituição como principal fonte de renda. 9 fev. 2023. Disponível em: <https://www.fonatrans.com/2023/02/90-da-populacao-trans-no-brasil-tem.html>. Acesso em: 19 fev. 2026.

FONSECA, José. Moreno e Espinosa: aproximações. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 22, n. 1, p. 68-74, 2014. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/369>. Acesso em: 19 fev. 2026.

MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 2006.



RIBEIRO, Carlos Antônio Costa. Contínuo racial, mobilidade social e “embranquecimento”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 95, e329503, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329503/2017>. Acesso em: 19 fev. 2026.

VOMERO, Laura de Souza Zingra; NERY, Maria da Penha. Escola da anarquia: psicodrama e letramento LGBTQIA+ e racial. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 32, 2024. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/660>. Acesso em: 19 fev. 2026.

VOMERO, Laura de Souza Zingra. Conserva corporal – via de acesso para a (des)colonização do inconsciente. In: NERY, Maria da Penha; EUTRÓPIO, A. C.; VOMERO, Laura de Souza Zingra (org.). *Sexualidades, corpos e poder: desobediências criadoras*. São Paulo: Ágora, 2024. p. 33-61.

VOMERO, Laura de Souza Zingra. *Uterodrama – reflorestando o corpo-território*. São Paulo: Ágora, 2025.



Psicodramas insurgentes: para pensar o psicodrama e o Brasil contemporâneo.

Yan Leite Chaparro⁵

RESUMO

Desculpe-me a delicadeza, mas se o Psicodrama nasce de uma ação (δράμα) insurgente, por onde anda a insurgência no Psicodrama, este que acontece no Brasil contemporâneo? Não é uma pergunta rápida de se responder, na verdade, é uma pergunta que não espera resposta, mas sim movimentos, praxis e ações. Sinceramente, prefiro ficar com a pergunta, levar ela por vários cantos, e se contaminar com o levantar da poeira que a pergunta pode provocar. Procuro me esclarecer a partir das inquietações e horizontes que a pergunta tende a imaginar. No 25 Congresso Brasileiro de Psicodrama será lançado o livro *Psicodramas Insurgentes* organizado por Devanir Merengué e Yan Leite Chaparro, e publicado pela Editora Ágora. Livro que propõe e provoca pensar psicodramas insurgentes com diversos/as autores/as de diferentes regiões do Brasil, tecendo uma complexa rede marcada por pouca homogeneidade e conciliação, pois está na crítica o desenvolver e o envolver de uma ciência. Sonho ou imagino, as vezes é confuso, que o ato (drama) de pensar psicodramas insurgentes é pensar e produzir teorias e práticas psicodramáticas em solos e subsolos brasileiros, ou melhor, a realidade contemporânea brasileira não dá espaço para um psicodrama embalsamado. Ser psicodramatista no Brasil é encarar o feminicídio, o racismo, o colonialismo, a pobreza extrema, a homofobia, a transfobia, a luta pela terra, o racismo ambiental, a desigualdade social, o trabalho escravo, a acumulação de renda por alguns bem poucos, o fascismo, as violências de diversos tipos contra a mulher, a população LGBTQIAPN+, a povo preto, as populações indígenas, e um Estado que historicamente canibaliza a população e alimenta “elites” econômicas, oligárquicas ou não. Sim, o Brasil ainda é um grande quintal somente para alguns, que igual aos açougueiros, fatiam partes todos os dias. Se não é possível ser embalsado, então sejamos críticos, crítica que se volta para o próprio Psicodrama, e para realidade cotidiana que o Psicodrama habita.

Palavras-chave: Psicodrama. Insurgência. Brasil. Crítica. Transformação.

⁵ Psicólogo, Doutor em Desenvolvimento Local, Pós-doutor em Desenvolvimento Local e em Antropologia Social. Psicodramatista Didata pela Escola de Psicodrama Entre Nós e yanchaparro@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO: a pergunta.

Desculpe-me a delicadeza, mas se o Psicodrama nasce de uma ação (δράμα) insurgente, por onde anda a insurgência no Psicodrama, este que acontece no Brasil contemporâneo? Não é uma pergunta rápida de se responder, na verdade, é uma pergunta que não espera resposta, mas sim movimentos, práxis e ações. Sinceramente, prefiro ficar com a pergunta, levar ela por vários cantos, e se contaminar com o levantar da poeira que a pergunta pode provocar. Procuro me esclarecer a partir das inquietações e horizontes que a pergunta tende a imaginar.

No 25 Congresso Brasileiro de Psicodrama será lançado o livro *Psicodramas Insurgentes* organizado por Devanir Merengué e Yan Leite Chaparro, e publicado pela Editora Ágora. Livro que propõe e provoca pensar psicodramas insurgentes com diversos/as autores/as de diferentes regiões do Brasil, tecendo uma complexa rede marcada por pouca homogeneidade e conciliação, pois está na crítica o desenvolver e o envolver de uma ciência.

Como lembram Danowski e Viveiros de Castro (2017), nada aconteceu – apenas estamos mortos (p. 68). Propor o a ação insurgente junto ao Psicodrama é uma tentativa de não estarmos mortos, já que o ideário maior de Moreno (1975) esta com o grupos e a revolução criadora.

2 DESENVOLVIMENTO: o ato de seguir a pergunta.

Sonho ou imagino, as vezes é confuso, que o ato (drama) de pensar psicodramas insurgentes é produzir teorias e práticas psicodramáticas em solos e subsolos brasileiros, ou melhor, a realidade contemporânea brasileira não dá espaço para um psicodrama embalsamado. Seguir (LATOUR, 2008) a pergunta sobre a insurgência do Psicodrama, por onde ela anda, não é deveria causar estranhamento, pois esta no simples ato de pisar o chão brutalizado do tempo contemporâneo.

Ser psicodramatista no Brasil é encarar o feminicídio, o racismo, o colonialismo, a pobreza extrema, a homofobia, a transfobia, a luta pela terra, o racismo ambiental, a desigualdade social, o trabalho escravo, a acumulação de renda por alguns bem poucos, o fascismo, as violências de diversos tipos contra a mulher, a população LGBTQIAPN+, a povo preto, as populações indígenas, e um Estado que historicamente canibaliza a população e

alimenta “elites” econômicas, oligárquicas ou não.

Sim, o Brasil ainda é um grande quintal somente para alguns, que igual aos açougueiros, fatiam partes todos os dias. Se não é possível ser embalsado, então sejamos críticos, crítica que se volta para o próprio Psicodrama, e para realidade cotidiana que o Psicodrama habita. Por assim, levantar a reflexão sobre psicodramas insurgentes é visitar o Psicodrama (nascimento e história), e pensar e produzir uma ciência crítica, afetada e contaminada pelas diferenças, os territórios, as memórias, as epistemologias e a práxis transformadora.

Pois, se o Psicodrama chega no Brasil por Guerreiro Ramos (MALAQUIAS, 2020) sua chegada já é diferente das demais ciências ocidentais, eurocêntricas e universais que chegaram no Brasil, o chegar do Psicodrama é político, ético e revolucionário (rebelde/insurgente), quando faz aliança com o Teatro Experimental do Negro e com os escritos sociológicos de Guerreiros Ramos. E talvez, não é por acaso que a imagem em movimento dos psicodramas insurgentes chegam no ano de 2026, quando a Federação Brasileira de Psicodrama – Febrap completa 50 anos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: encontrar algum rastro.

Duas pistas para seguir os rastros dos psicodramas insurgentes, com o objetivo de inquietar e começar a fechar este texto, a primeira pista é a produção de um Psicodrama acionado como agente contra o neoliberalismo individualista e raptador de afetos, ou melhor, o ato de construir meios afetivos e aglutinadores que possam criar grupos (psicodramáticos e sociodramáticos) em diferentes territórios, instituições e clínicas (grupos psicoterápicos, psicodramas públicos, atos psicodramáticos, grupo temáticos, teatros espontâneos e outras formas e modos de fazer grupo), ou seja, um retorno dos grupos crítico e atento as filiações etnográficas, territoriais e epistemológicas do chão que se pisa.

E a segunda pista é abertura e absorção teórica, metodológica e epistemológica do Psicodrama no que envolve as insurgências latino americanas, ou melhor trazer para dentro das entranhas do Psicodrama debates, discussões, pesquisas e estudos latinos americanos empenhados na crítica e práxis (teoria e práticas) insurgentes, pois precisamos dar volume explosivo, colorido e de carne viva ao Psicodrama, e questionar a higienização neoliberal silenciosa que acontece dia após dia com o Psicodrama, para produzir rasuras (DERRIDA, 2001), daquilo que só faz o ato de morrer.



REFERÊNCIAS

DANOWSKI, D e VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há um mundo por vir?**: ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2017.

DERRIDA, J. **Posições**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro. Editora 34, 2008.

MALAQUIAS, M. **Psicodrama e relações étnico-raciais**: diálogos e reflexões. São Paulo: Ágora, 2020.

MORENO, J. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.